

CAPÍTULO 04

QUEM É O ASSASINO? (PARTE 01)



Imagem retirado em um site de wallpaper de anime: Best-Wallpaper.

“Ser um professor, não é mostrar o caminho para os alunos, mas deixar que eles caminhem com seus próprios pés.”

- JOSÉ!?

Levanto meu rosto lentamente, e olho para a porta. É a professora de português, Sabrina gritando desesperada:

- Sabrina, o que houve? - Perguntei sem entender.

- As crianças... elas...

Não perdi tempo. Corri até o refeitório, mas quando me deparei com aquela cena minhas pernas começaram a tremer e meus olhos encheram de lágrimas misturados com um pouco de ânsia. Quase todos os alunos estavam mortos. Sangue saía entre suas narinas e espuma em suas bocas. Choros e gritos de alguns poucos alunos e professores para completar. Era um massacre! E o pior é que sobraram apenas 02 alunos vivos.

- Professor?

Senti alguém puxar o meu casaco, era a Paula uma das minhas alunas mais espertas. Agachei-me e acariciei os seus cabelos castanhos e abri um sorriso para não a preocupar. Ela estava sem entender o que estava havendo, sem choro, apenas confusa:

- José, as portas estão todas trancadas e não a sinal da faxineira e nem do zelador.
- Disse o professor Antônio de história.

- Aaaaaaaaahhhhh! - De repente um grito surge ao corredor interrompendo nossos pensamentos. Era apenas mais duas alunas aterrorizadas que saíam correndo do banheiro. Fico aliviado que temos mais dois alunos vivos mediante a situação. Sendo agora 04 sobreviventes.

Entramos no banheiro lentamente, luzes piscando com sangue escorrendo no chão de uma das cabines misturando com um cheiro ameaçador. Abrindo a porta uma outra visão de horror percorre em nossos olhos. A Faxineira, com sua barriga aberta e seus olhos arrancados. Minhas mãos ficaram trêmulas com o suor frio percorrendo meu pescoço, fazendo-me engolir seco. Aquela situação em comparação ao Antônio que começou a vomitar na cabine ao lado. Ao mesmo tempo, o professor de matemática Rafael, meu amigo e companheiro, veio dizendo que o zelador estava na mesma situação no banheiro masculino e nada das chaves. Como nossa escola é fora da cidade não possuímos sinal e justamente hoje estávamos sem linha telefônica e o diretor de férias:

- Então, temos um assassino aqui dentro. - Afirmou Rafael desconfiado andando pelo corredor.

- O que está dizendo? - Perguntou Sabrina.

- Bem, aqui não é o melhor lugar para conversarmos vamos todos para sala de aula. - Respondeu Rafael, e assim foi. Após fechar a porta e continuou:

- Então, quem de vocês é o assassino?

- Que absurdo! - Disse Sabrina.

- O que está insinuando? - Perguntou Antônio.

- O que você acabou de ouvir. Vamos usar a lógica. Todas as entradas e saídas trancadas, justamente hoje, onde muitos professores e alunos não vieram. Além de que, não temos mais como nos comunicar com a polícia. Estamos sem sinal, sem internet e o telefone da secretaria cortada. Acha mesmo que uma pessoa normal ousaria nos trancar aqui? Deve ser alguém que já conviveu ou trabalha conosco para saber cada horário e funcionário da escola. Aliás só alguém com intenções pessoais trancaria nós aqui dentro esperando o próximo passo.

- E quem garante que não é você o matemático de merda? - Perguntou retoricamente Antônio e se levantou com um olhar desconfiado. Não demorou muito até todos os professores se levantarem na discussão. As crianças assustadas e eu ali em silêncio não aguentando até Paula puxar meu casaco de novo com lágrimas escorrendo no rosto:

- Chega!! Vocês vão acabar se matando assim. Essa briga não nos leva a nada. - Gritei.

- Finalmente José abriu a boca. Eu sempre ouvir falar que assassinos são quietos e calculistas. Apesar, que você não precisa ler um jornal para saber nossa situação. - Disse Rafael com tom de sarcasmo.

- Vocês não pararam para pensar no porquê de tudo isso? - Perguntei ignorando-o.

- Aonde você quer chegar? - Perguntou o Antônio.

- Primeiro por que as crianças? Do que realmente eles morreram?

- E isso importa? - Rafael pergunta ainda desconfiado.

- Claro, talvez fosse para a gente ter morrido junto com as crianças e sabendo disso poderemos saber o plano desse assassino.

- Então, vamos brincar de detetive? Eu não quero morrer hoje, só porque você quer entender o que passa na cabeça desse assassino.

- Tem uma ideia melhor, Rafa? E como você disse talvez ele esteja entre nós ou escondido, por isso vamos todos juntos. Poderemos nos proteger e tirar nossas próprias conclusões.

- Ele tem razão! - Afirmou Sabrina.

- Ok, tanto faz. Só espero que isso nos ajude em algo. - Disse Rafael não tendo escolha, mas ele estava certo, mesmo descobrindo o motivo da morte das crianças, não iremos achar o assassino tão fácil.

Caminhando lentamente pelo corredor para o refeitório comecei a pensar nos sobreviventes. Pelo que estou vendo só restaram 06 professores, 04 alunos e a coordenadora. Até um sussurro baixo entre meus ouvidos, interrompe meu raciocínio. Era a professora de artes, a Karla. Na verdade, fiquei surpresa por ela estar viva, sempre quietinha e calma, mas vivia com um sorriso alegrando os alunos. Hoje sendo a primeira vez que a vejo naquele estado. Pálida, olhos um pouco inchados por conta das lágrimas, porém fico feliz que ela e sua filha estão vivas:

- Ah o que foi Karla? - Perguntei.

- Por que, você decidiu ver como os alunos morreram no refeitório? Ver aquela cena de novo é tão... - Calou-se olhando para baixo, segurando firmemente as mãos de sua filha.

- Porque, ... - Respirei fundo e continuei. -... Como professor, temos a responsabilidade de cuidar dos alunos, guiar eles no caminho certo e... Não quero morrer sem pelo menos saber o motivo deles terem sido assassinados, mas não comente com o Rafael.

- Você não acha que o Rafael foi...?

- Nem pensar. Mesmo ele sendo cabeça dura. Ele amava essas crianças. Sendo sincero, é mais fácil ele se matar do que matar alguém. - Respondi com um sorriso

no rosto, interrompendo completamente a Karla, onde em seu rosto descreveu surpresa e com um sorriso voltou a olhar para sua filha.

Ao entrarmos no refeitório, por conta das crianças, decidimos que a Karla, a Sabrina e a coordenadora Maya ficassem na entrada distraindo as crianças e também como vigia.

- Então José? - Disse Antônio.

- Bem eu tenho uma sugestão... - Disse Bruno todo sério. Bruno era o professor de educação física e continuou:

-... Bom, talvez seja veneno, pela espuma da boca e vocês não comeram nada do refeitório, não é? - Ele tem razão, todos nós tivemos motivos para não comer, seja trazendo o próprio almoço, ou pelo próprio destino de não querer comer.

- Se quiserem posso dar uma analisada no laboratório para confirmar essa sua teoria. - Disse Antônio e todos concordaram,

- Tem certeza? Talvez eu seja o melhor para ir já que dou aula de biologia. - Perguntei.

- José, acho que ele está dando desculpa para ir sozinho, não é? - Questionou Rafael.

- Vocês sabem que também me formei em ciências e além disso...

- Bem eu posso ir. - Respondeu Karla, interrompendo Antônio em sua defesa com uma voz baixa e com a mão trêmula para o alto.

- Mamãe...?

- Eu vou ficar bem filha o tio José, vai cuidar de você.

- Se é assim eu também vou. Se um de nós não voltar, vamos saber quem é o assassino. - Disse Maya, a coordenadora. Então, decidimos. Karla, Maya e Antônio foram ao laboratório enquanto eu e os outros voltamos à sala de aula mais próxima do refeitório. Mesmo eu não concordando que a Karla fosse. Eu não podia dizer não, principalmente pela confiança de deixar sua filha comigo.

Quando entramos o Rafael olhou para mim sério e pediu para a Paula ficar com as outras crianças, a Sabrina e o Bruno:

- Olha José, me desculpa tá.

- O que?

- É que.... Eu só.... Não quero morrer. Me desculpa. - Rafael abaixou a cabeça. Ele estava realmente sendo sincero. Eu e o Rafael somos amigos desde o fundamental e se formamos juntos com uma alegria constante e o destino nos uniu novamente para a mesma unidade escolar, ele é como um irmão para mim:

- Eu aceito suas desculpas. - Afirmei abrindo um sorriso.

- Professor eu posso ir ao banheiro? - Disse Paula interrompendo um pouco o nosso momento de amizade.

- Sim é cl...

- Deixa que eu a levo. - Respondeu Sabrina interrompendo as minhas palavras.

- Mas...

- Uma hora tenho que ser forte né. Eu vou ficar bem. Além disso, a Alice também está com vontade. - Disse ela com convicção mesmo com as suas mãos tremendo de medo, apontando para garota escondida atrás dela. Então Bruno o acompanhou. Era só eu e o Rafael cuidando dos dois últimos alunos Rebeca e Ricardo até que...

... BANG... BANG... BANG...

Sons de disparos foram ouvidos pelos corredores. Nem perdemos tempo, agachei junto com os dois alunos, para não fazer barulho. Um silêncio apareceu e pedi para as crianças apavoradas se esconderem entre os armários. Rafael insistiu para que eu ficasse com eles, porém eu não podia deixar de saber se a Paula e a Karla estavam vivas. Lentamente fomos até o banheiro e na entrada estava a Sabrina e o Bruno caídos com tiros, um na cabeça e o outro com um tiro na panturrilha da perna direita e o outro na nuca. De repente ouvimos um choro dentro do banheiro, entramos e estava no chão a Alice morta com uma faca de cozinha encravada em seu peito e entre uma das cabines estava a Paula com alguns cortes entre suas pernas e braço esquerdo.

- O que aconteceu aqui? - Diz Antônio chegando junto com a Karla e Maya desesperados pelo barulho.

- Meu Deus. - Disse Maya com ânsia de vômito correndo ao canto antes de causar uma má impressão pela sua atitude nojenta.

- Mamãe? - Gritou Paula correndo aos braços da Karla chorando aflita.

- Filha meu amor. Graças a Deus você está bem. - Chorou Karla acariciando seus cabelos castanhos.

- Foi você, não é Antônio? - Acusa Rafael.

- Calma Rafael. - Respondi colocando a mão em seu ombro.

- Me acalmar? José, você está de brincadeira? Mais três pessoas acabaram de morrer na sua frente e ainda quer manter a calma? Os únicos que estavam fora seria você Antônio, além da Maya e a Karla.

Realmente não tinha como se acalmar. Eu sabia que o Rafael estava sofrendo com tudo aquilo e mesmo que eu quisesse ajudar. O Antônio, a Karla e a Maya não estavam com a gente na sala. Poderia ser um dos três, mas quem?

CAPÍTULO 05

QUEM É O ASSASSINO? (PARTE 02)

- Eu não sou o assassino, eu estava com as meninas. - Disse Antônio.
- Só pode ser mentira! - Contradiz Rafael, indo para cima contra Antônio.
- E quem garante que não seja você o assassino. - Os dois estavam quase indo no soco por conta desta discursão, enquanto Karla chorava e tampava os ouvidos da Paula.
- Parem já com isso! Olhem o nosso estado, a gente não devia discutir e sim, nos unir, somos o que restou da escola. - Disse Maya parando os dois rapazes.
- Porque não perguntamos para a Paulinha, ela era a única que foi atacada pelo assassino. - Continuou Rafael, ainda nervoso.
- Rafael, você não é o único sofrendo pela morte dos nossos amigos e alunos... E olha o estado dela. Ela é só uma criança. A minha filha não tem a obrigação de responder você! - Gritou com lágrimas nos olhos, Karla.
- Então quem é o assassino? Então será que.... Não somos os únicos vivos nessa escola? - Um silêncio surgiu em torno dos corredores apenas os choros baixos da Karla e sua filha foram ouvidos e antes de alguém responder aquela grande pergunta, uma bomba de gás foi jogada pelo corredor.
- Correm! - Gritou Antônio.
- Vamos para a sala de aula, a Rebeca e o Ricardo estão lá! - Gritei pegando a mão da Karla e sai correndo. A fumaça está muito densa, mas se for o que estou pensando a gente não vai aguentar muito tempo e precisamos tirar as crianças da sala. Rafael não perdeu tempo e disparou na frente para ver se conseguia resgatá-los. Ao mesmo tempo que corria junto com a Karla, Paula acaba escorregando e soltando a mão de sua mãe.
- Paula! - Gritou Karla com desespero e Antônio correu para socorrê-la, entrando no meio da fumaça, mas...
- ... BANG... BANG...

Tiros foram ouvidos pela fumaça e uma das balas atingiu as costas de Maya caindo no chão. Não tem mais como salvá-los, se ficarmos vamos morrer. Segurei a Karla e subimos para o segundo andar ouvindo o chamado do Rafael para a sala de música. Tentei consolá-la, mas tínhamos que ficar em silêncio para o assassino não

nos encontrar. Mesmo assim a sua tristeza de perder sua filha e sem puder fazer nada para ajudar, iria marcá-la para o resto de sua vida. Sem nenhuma palavra Karla foi direto com as crianças tampando seus ouvidos e chorando:

- José... - Cochichou Rafael.

- O que foi, Rafa?

- Se eu tivesse acreditado nele, talvez ele, talvez eles ainda... - Olhei em seus olhos que estava totalmente destruído.

- Rafa, você não teve culpa...

- Mas eu não pude fazer nada.

- Mas talvez você possa fazer algo por eles, pela Karla e por mim. Além disso, você precisa ficar vivo para seu casamento não?

- Fala do meu casamento, mas nem para dizer para a Karla o que sente em um momento em que a qualquer segundo poderemos morrer. - Disse Rafael com um sorriso no rosto, tentando desconstrair sua aflição.

- Ei estamos falando de você e não de mim. Seu idiota. - Respondi um pouco vermelho, com um sorriso.

- Bom, está decidido se esse vagabundo aparecer aqui eu o mato, enquanto isso Karla e José se escondem com as crianças embaixo das mesas perto do piano e se proteja, ok. - Respondeu Rafael com sua voz um pouco alta com um sorriso, levantando-se e pegou dois arcos de violino e ficou do lado da porta. Não pensei duas vezes peguei o violão que estava no chão e me juntei a ele:

- O que você está pensando em fazer? Idiota, vai se esconder!

- Não era você que queria tanto viver e agora banca o herói? Eu disse que estaria do seu lado e vou fazer isso. Além disso, eu vou ser seu padrinho então não reclame.

- Você é burro como sempre e ainda pega um violão há, há, há. - Terminando a conversa, olhei para trás e com a confirmação de Karla, correu diretamente para trás e disse para as duas crianças entrarem no armário. Olhei para o Rafael e ele estava com aquele sorriso corajoso, mas conseguia sentir o desespero com suas mãos um pouco tremulas segurando o instrumento.

O silêncio apareceu novamente. Quando escutamos algo rolando e encostando-se à porta. Será uma bomb...? Uma explosão interrompeu qualquer ato dos meus pensamentos. Rafael e eu fomos jogados pelo impulso da pequena bomba, comecei a ficar zozinho e a visão embaçada:

- Karla...?

Abro meus olhos. Estou preso em uma cadeira e ao meu lado estava o Rafael e as outras duas crianças com panos em suas bocas se mexendo desesperadamente. O que está havendo? Abriu-se a porta e uma luz forte se ergueu sobre meu rosto:

- Quem está aí? - Perguntei, enquanto minha tentar avistar naquela luz.
- Nunca pensei que você dois daria tanto problema assim. - Essa voz, é o diretor Joel?
- Você não estava...
- Morto ou de férias? - Me interrompeu: - Eu diria que estou mais vivo do que nunca. Claro que se eu aparecesse vivo, vocês iriam me acusar, sem contar que seria mais difícil de matar vocês, há, há, há.
- Seu canalha! - Rafael gritou, se debatendo na cadeira, acabando de acordar.
- Ah, caro professor Rafael. Um dos meus melhores professores, realmente sabia que você tentaria alguma coisa. Vive sempre desconfiado, mas você José realmente, fiquei surpreso pelas atitudes que tomou. Meus parabéns.
- Por quê? - Perguntei.
- Ora, porque não pergunta para aquele que realmente sujou suas mãos. - Virei e não acreditei... Era a Karla se aproximando junto com a Paula.
- A professora de artes Karla ou quer dizer, Marianna Cruz, olhando sua ficha como assassina de aluguel. Graças a ela, pude acabar com a minha dor de cabeça.
- Karla? - Perguntei. Entretando ela vira seu rosto para o lado oposto.
- Sua vaca! - Se debateu Rafael. Enquanto ela de cabeça baixa tirou dentre seu bolso uma pistola e apontou na cabeça do diretor:
- Ei, onde está mirando essa arma, sua ridícula. - Som da trava de segurança.
- Eu te paguei, para quê hein? Ou quer sua filha morta? Acabe logo com isso, sua filha da p...

... BANG

Ela atirou bem no olho direito do diretor com uma expressão de nojo em seu rosto:

- Agora você nunca mais vai encostar os dedos na minha filha de novo! Seu porco!
- Com uma respiração virou-se apontando a arma para o Rafael e depois para mim:
 - Você quer viver e você quer saber a verdade. Ok vou realizar seus pedidos pelos velhos tempos. Pode perguntar José ainda temos uma hora.
- Karla? Então você é mesmo a...
- Marianne Cruz a assassina de aluguel que matava ricos e milionários. A famosa em não deixar rastros, infelizmente.
- Mas era para você estar.... Morta! Sua... - Afirmou Rafael sério.
- Bem, o único jeito de parar esse tipo de trabalho sem ser morta ou presa, é forjando a própria morte. E depois de um tempo, tentando viver uma vida "normal" percebi, que as pessoas só traem as outras e mesmo tentando fugir do meu

passado, ele sempre retorna... Como no caso do nascimento da minha filha. Foi ela que me fez mudar...

- Mas, por que ele queria matar a todos? Por que você fez isso...? - Perguntei, mas eu estava tão aflito com essa história que nem coragem de olhar para Karla, quer dizer, Marianna eu pude.

- Ele que me obrigou a fazer isso, não tive escolha... - Respirou fundo e continuou: - Ele é um pedófilo doente. Ele tinha fotos de todos os alunos nos vestiários e guardava no cofre em sua sala. Ele se faz de santo, mas ele é uma das piores pessoas. Depois dos boatos investiguei e com um descuido meu o diretor soube do meu passado e minha filha estava em suas mãos. Se eu chamasse a polícia eles iriam me investigar também. Se eu saísse da escola ele iria expor minha verdadeira identidade e se eu não fizesse nada ele poderia abusar e...

- Aquele canalha. - Disse Rafael virando o seu rosto para baixo.

- Mas se ele queria matar todos então, por que ele...?

- Fizemos um acordo, em troca de eu assassinar a todos ele nos deixaria livre. E tentei fazer o possível, pedi a ele para que mandasse a maioria de professores para casa por causa das férias e muitos alunos fizeram o mesmo, mas vocês são insistentes e não me ouviram. E aquele filho da puta, no momento daquela fumaça onde minha filha acabou soltando a minha mão e o Antônio foi atrás, o diretor, aproveitou a chance para esfregar em minha filha, ainda bem que a Paula conseguiu se esconder.

- Então é por isso que.... Você disse para não vir. - Disse lembrando ontem em uma tarde, onde estávamos com sorrisos bobos falando das crianças até a Karla fazer esse comentário. E em vez de ouvir, tanto eu como o Rafael, ignoramos e viemos.

- E agora? O que vai fazer com a gente? - Perguntou Rafael.

- Vai depender de você, Rafa. Eu sei que você tem uma mulher maravilhosa te esperando, mas fico pensando.... Se vale a pena soltar todos. Então... - Aproximou-se entre o ouvido direito de Rafael e sussurrou:

- Faça sua escolha, seu melhor amigo, ou seus dois pobres alunos? Rebeca e Ricardo. - Lágrimas escorreram em seu rosto e ranger de dentes foram ouvidos. O que ela falou para ele?

- Por que...? - Perguntou e ela com lágrimas, negando-a. Eu já sabia o que se tratava, mesmo sem se manifestarem. Provavelmente, era entre priorizar os alunos ou a mim e ele estava preste a fazer uma escolha que mudaria sua vida:

- Rafa escolhe as crianças, não ligue para mim.

- Mas José você...?

- Ser um professor é mostrar o caminho para os alunos, mas deixar que eles caminhem com seus próprios pés. Eu sempre coloquei isso em minha cabeça. Nós

professores nascemos para ajudar as crianças mesmo que tomamos escolhas difíceis temos que dar o exemplo. E para mim, não ligo de me sacrificar por eles.

- José, você foi meu único amigo que sempre esteve ao meu lado, eu não sei...

- Você tem um minuto Rafael. - Disse Marianna.

- Rafael escolhe as crianças, por favor.

- Eu não posso fazer isso, tem que ter outro jeito.

- Não tem outro jeito.... Infelizmente não serei o seu padrinho, mas você também tem que pensar na família dessas crianças! Obrigada por tudo e Marianna se essa é minhas últimas palavras... - Comecei a me expressar, enquanto Marianna apontava a arma em minha cabeça.

- Queria dizer que mesmo com essas atrocidades, eu sempre te amei e guardarei isso em meu coração. - Olhei para ela com um sorriso no rosto e lágrimas brotando como riacho em meus olhos.

- José... eu.... Se esse será o seu fim, acho melhor colocar seus óculos. - Disse Marianna com um sorriso e lágrimas com suas mãos que começaram a tremer pegando em seu bolso meus óculos e colocando em meu rosto que em meia confusão, acabei nem percebendo que estava sem eles: - Eu também te amo... Adeus. - Continuou ela mirando a arma em minha cabeça, com receio de atirar, mas já estou feliz, pois meu amor foi correspondido e soube que ela não fez tudo isso por mal.



Imagem retirado do anime: Shingeki no Kyoujin.

- Nãooooooooooooo! Eu escolho o José!

BANG...

Abro meus olhos lentamente, ainda estava vivo? Mas por quê? Olhei para o lado na porta da sala e estava a Paula com um sorriso.

- Eu sabia que você ia fazer a escolha certa. - Terminando essas palavras, Paula se aproximou dos dois alunos e com uma faca.

- Paula não! - Gritei enquanto o Rafael apenas virou o rosto.

- Eu prometo que não vai doer nada. - Disse ela com um sorriso. O grito histérico das crianças sufocado entre os panos, se esvaindo, durante o movimento da faca passando entre suas gargantas. Depois daquela terrível visão com as mãos e a faca suja do sangue, cortou as nossas amarras. Então, no banheiro, a própria Paula, uma simples criança conseguiu matar dois de seus professores e uma aluna? Ajoelhei pelo desespero e uma das minhas mãos tampou minha boca com aquela sensação de querer vomitar:

- E agora, vai nos matar também? - Perguntei.

- José, mesmo com nossas atitudes. A garota que trabalhou com vocês nessa escola continua sendo a mesma e sou uma pessoa de palavra. Espero que vocês cumpram e fiquem em silêncio de agora em diante. Lembrando que sei onde vocês moram.... As armas e o veneno estão tudo nessa sala do diretor dentro do cofre onde tem aquelas fotos ridículas. Então, essas provas vão ser a favor de vocês e o verdadeiro culpado será o diretor. Com isso, deixarei os dois livres em troca do silêncio.

- E você? - Perguntei. Enquanto ela jogou as chaves para o Rafael que também estava ajoelhado e com apenas um sorriso segurou os braços de sua filha e desapareceu.

~~QUANDO FAZEMOS UMA ESCOLHA, QUALQUER ESCOLHA, ESTAMOS
DIZENDO SIM PARA UM LADO E DIZENDO NÃO PARA O OUTRO. ENTÃO,
ALGUM SOFRIMENTO SEMPRE VAI HAVER.~~

~~MARTHA MEDEIROS.~~

INSPIRAÇÃO NA MÚSICA: Twenty one Pilots - Heathens (from Suicide Squad
The Album).